

Eunice, Fernanda e a luta contra o esquecimento

» PATRÍCIA MACHADO
Pesquisadora e professora da PUC-Rio



Em uma das cenas mais emblemáticas protagonizadas por Fernanda Torres em *Ainda estou aqui*, da areia da praia a personagem Eunice Paiva olha para a rua enquanto a família feliz se reúne para uma fotografia. Fernanda não diz nada, mas, com um olhar expressivo, que se direciona para longe da câmera, antevê o futuro. Ali, a personagem pressente o que está por vir. A passagem de um veículo do Exército pela orla da praia de Ipanema contrasta com o dia ensolarado e anuncia tempos trágicos para a família Paiva e para o Brasil.

Hoje, o país comemora a vitória de Fernanda Torres no Globo de Ouro, que encarnou a história de uma mulher que foi vítima da ditadura militar. Para além das lutas políticas de Rubens e Eunice, o filme foca em um momento que sintetiza os efeitos de uma política autoritária que perpetua a impunidade. Na sala de cinema, assistimos aos policiais invadirem a casa de um deputado, homem de classe

média alta, e o levarem embora, sem nenhuma explicação. Rubens Paiva nunca mais retorna. Os responsáveis pelo crime não foram punidos, o corpo de Rubens nunca foi encontrado e a justiça não foi feita. Uma história que grande parte do país desconhecia ou simplesmente esqueceu.

Em entrevista recente sobre o filme, Fernanda Torres lembrou que Marcelo Rubens Paiva escreveu seu livro ao perceber que a mãe, Eunice, estava perdendo a memória devido ao Alzheimer. Paralelamente, o Brasil também parecia esquecer a própria história, ela afirma. No cinema brasileiro recente, especialmente após a abertura dos documentos dos arquivos da política e da Comissão Nacional da Verdade (2014), os efeitos do apagamento histórico têm sido tema de algumas produções, como *Fico te devendo uma carta sobre o Brasil*, de Carol Benjamin. O documentário enfrenta o silêncio do pai da diretora, que foi preso aos 14 anos, torturado e exilado, para compreender como as histórias pública e privada se entrelaçam sob os efeitos da ditadura. A obra parte da premissa de que a Lei da Anistia, sancionada em 1979, implicou em um pacto que favoreceu o esquecimento e a repressão. Como destaca o historiador Daniel Aarão Reis, a abertura política promovida

após quase duas décadas de ditadura foi acompanhada por um esforço deliberado de “construir o esquecimento”.

Como resultado dessa política, na última década presenciamos homenagens a torturadores em espaços que deveriam ser dedicados à defesa da democracia, como o Congresso Nacional. Discursos que negam as barbaridades cometidas durante a ditadura ganharam espaço na política, nas mídias sociais, no cotidiano. Mais recentemente, como a personagem vivida por Fernanda Torres, sentimos com agonia o que estava por vir. Um ano antes dos fogos e gritos celebrando a vitória de Fernanda Torres no Globo de Ouro, testemunhamos nas telas da televisão e dos celulares homens e mulheres vestidos de verde e amarelo invadirem e depredarem as sedes dos Três Poderes, pedindo a volta da ditadura.

O sucesso de *Ainda estou aqui* chega em um momento crucial, oferecendo um convite à reflexão e à disputa de sentidos em torno da memória e da história. O cinema ocupa um papel fundamental nessa disputa. A história de Eunice Paiva, vivida intensamente por Fernanda Torres, nos lembra que a memória é um campo de batalha no qual o esquecimento e a impunidade precisam ser confrontados. Em tempos de incerteza política, filmes como este reafirmam o poder do cinema em olhar para o passado, elaborar memórias e inspirar a resistência e a luta no presente.

Que história, Nanda!

» ROSE MAY CARNEIRO
Professora de cinema/audiovisual da Universidade de Brasília (UnB)



Sou fã de carteirinha da Fernanda Torres. A considero uma tremenda mulher! Não a conheço pessoalmente, mas parece que a gente é amiga há séculos. Adoro o jeito dela. Parece com aquelas amigas que, só de olhar para elas, já levanta o astral. Daquelas que a gente tem vontade de ligar e dizer: “Bora tomar um chope, ali na mureta da Urca?” (fica a dica...rs).

Lembra-me umas amigas encapetadas que tive na adolescência, quando morei em Niterói. Uma, certa vez, me colocou dentro de um carrinho de supermercado e rodou, há mil por hora, pelos corredores. Já a outra, na aula de música, sob a batuta e o olhar de uma professora superconservadora, tínhamos que fazer um trabalho sobre Haendel, na “hora h” da apresentação, soltou um Hendrix, em alto e bom som, no gravador.

Fernanda me parece ser uma dessas. Tem um olhar que alterna entre o lânguido e o vivaz. Ela imprime simpatia, confiança, inteligência, bom humor (“cara de pau”) e muita entrega. É o que chamamos de uma atriz versátil. Afinal, transita, com a mesma desenvoltura, entre os dramas do cotidiano e as comédias da vida privada. Nos comove na mesma intensidade que faz doer a bariga de tanto rir. É mestre na arte de viver um papel, seja no teatro, na TV, na literatura, no cinema ou sendo ela mesma, na “vida real”. É o verdadeiro protótipo da mulher brasileira bem resolvida.

Imagino o prazer que muitos diretores tiveram ao trabalhar com ela. Ao vasculhar, por agora, o meu HD mental, me lembrei, inclusive, de algumas entrevistas que concedeu e de algumas cenas antológicas.

Certa vez, em uma entrevista no programa Roda Viva (TV Cultura, 1992), lembro dela, aos 27 anos, falando o quanto deixou a sua mãe, Fernanda Montenegro (uma das nossas divas da dramaturgia), perplexa ao falar sobre os seus casamentos. Fernandona perguntou quantos seriam, já que ela tinha se separado do segundo marido, e ela abriu um sorriso, deixou a cabeça cair para trás e disse: “Sei lá!”.

Certa vez, dentro de uma piscina vazia, junto com o Thales Pan Chacon, segurando um polvo, no filme *Eu sei que vou te amar* (1986, Arnaldo Jabor), enquanto falavam de maneira poética sobre dores e amores.

Em *Os normais* (2001 a 2003, Fernanda Young e Alexandre Machado), fez um par perfeito na sintonia e na loucura, junto com o seu amigo e ator Luiz Fernando Guimarães. Lembro dela vestida com uma camisola vinho, pulando em cima da cama, enquanto batia em um balde laranja, com uma escova de cabelo, feito um bumbo, e, ao mesmo tempo, gritava e repetia feito um mantra: “Hoje eu acordei e eu vou transar!”.

No teatro, eu ainda era estudante de cinema e tive o prazer de vê-la contracenando no palco, pela primeira vez, junto com a sua mãe na peça performática *The flash and the crash days* (*Tempestade e fúria*, Gerald Thomas, 1991). Ali, já dava para ver o quanto essas duas merecem um Oscar.

Minha mãe sempre dizia: “Filha de peixe, peixinho é”. Fernandinha bebeu o leite da dramaturgia na fonte. Como ela mesma disse, em um programa de TV, se considera filha de dois loucos: uma louca apolínea (sua mãe, Fernanda Montenegro) e um louco dionisiaco (seu pai, Fernando Torres).

E toda essa loucura, bem trabalhada, deu nisso. É bonito ver a aula de atuação que ela nos dá, quase que sem querer, quando dialoga com Eduardo Coutinho (*Jogo de cena*, 2007). Ao dizer que estava envergonhada, ali, na frente dele e de toda a responsabilidade de interpretar “uma personagem real”.

Construir personagens e imaginários é o seu forte. Assim como também nos fez mergulhar nas picardias dos cinco amigos cariocas, repletos de humanidade, em seu romance de estreia, intitulado *Fim* (2013).

Mas tudo isso é só o começo. Ontem à noite, aqui em Brasília, Fernanda Torres fez muita gente gritar de orgulho nas janelas. Afinal, a sua interpretação contida e magistral no papel de Eunice Paiva, mais uma vez em um filme do Walter Salles (*Ainda estou aqui*, 2024), voltou a lotar as salas de cinema (até agora, 3 milhões de espectadores) e a encantar 216 milhões de brasileiros.

Corta para dentro do Beverly Hilton Hotel (Los Angeles). Lá estava ela, toda diva e sexy, sem ser vulgar, com um vestido preto, sentada ao lado da Angelina Jolie, Nicole Kidman, Tilda Swinton (sua atriz predileta, por sinal), Kate Winslet e Pamela Anderson. Viola Davis abriu o envelope e conclamou: o Globo de Ouro de melhor atriz dramática vai para Fernanda Torres! Subiu ao palco, quase sem acreditar, e dedicou o prêmio à sua mãe, que esteve ali, há 25 anos, com o filme *Central do Brasil* (1999). É, Nanda, o mundo dá voltas! Que história linda! Por aqui, deixo o meu encantamento e o nosso muito obrigada. O cinema brasileiro, a arte e a cultura agradecem, de corpo, alma e coração.



Quanto vale para nós o Globo da Fernanda?

» JOSÉ MANUEL DIOGO
Escritor, cronista, consultor internacional e produtor cultural



Embora também haja imensa gratidão pelos craques da bola em língua portuguesa — que, como Vinicius ou Cristiano Ronaldo, projetam Brasil e Portugal ao redor do mundo —, a conquista de Fernanda Torres é de natureza maior. Se no futebol a bola desliza pelo gramado unindo multidões, no Globo de Ouro a “bola” em jogo foi a própria língua que sustentou uma atuação, venceu barreiras e arrebatou aplausos.

Não se trata de um talento qualquer que, por acaso, fala português; é alguém que conquistou o mundo justamente falando em português, levando nosso idioma ao centro do palco. É como se, desta vez, o troféu não fosse apenas um prêmio pessoal, mas a coroação da nossa voz em toda a sua riqueza e diversidade.

Ao erguer o Globo de Ouro, Fernanda Torres fez mais do que brilhar: ela projetou uma língua que conecta milhões de pessoas em vários continentes, unindo lugares distintos, de Lisboa a Luanda, do Rio de Janeiro a Maputo. Cada palavra do discurso premiado reverberou como um apelo. Um triunfo que ilumina um aspecto muitas vezes subestimado: o imenso valor econômico que habita a nossa língua. A vitória vai atrair novos investimentos, despertar o interesse internacional e legitimar o português como um idioma de impacto global.

A economia da língua portuguesa se estende por diversos setores, como a literatura, a música, o turismo, a tecnologia e o audiovisual. No campo editorial, livros de autores consagrados, como Machado de Assis, ou modernos, como Mia Couto, continuam a seduzir leitores de todo o mundo, gerando traduções, vendas e intercâmbios culturais. No audiovisual, cada produção em português que chega às plataformas de streaming carrega histórias genuínas e autênticas, atraindo investimentos estrangeiros e ampliando oportunidades de emprego. Guimarães Rosa já dizia que “o real não está na saída nem na chegada, mas na travessia”; cada travessia lusófona, seja em filmes ou séries, comprova a força de nossas narrativas para fascinar públicos globais.

A música também evidencia esse potencial. Shows de artistas em português, como Anitta e Caetano Veloso, lotam arenas no exterior, disseminando ritmos que geram receitas e promovem o intercâmbio cultural. Turistas sedentos por conhecer a terra que inspirou aquelas canções acabam movimentando hotéis, restaurantes e serviços, fortalecendo as economias locais. Da mesma forma, no turismo de língua portuguesa, brasileiros sentem-se acolhidos em Portugal e vice-versa, enquanto outros países lusófonos despertam o interesse de viajantes que desejam explorar suas belezas e costumes. A língua funciona como uma espécie de “passaporte” que facilita negócios e aproxima nações.

O avanço empresarial em português não fica atrás. Gigantes como Banco Inter, PagSeguro e Vila mostram que é possível inovar e atrair investidores internacionais, fazendo do idioma

um diferencial de comunicação. Empresas lusófonas se beneficiam da afinidade linguística ao expandir serviços e soluções, já que compartilhar uma língua comum simplifica negociações e estimula parcerias.

A educação, por sua vez, reforça essa dinâmica. Universidades do Brasil e Portugal, como o IDP, a USP, a Universidade de Coimbra e da Beira Interior, bem como de países africanos de língua portuguesa, atraem estudantes estrangeiros e desenvolvem pesquisa de ponta, gerando arte, patentes e tecnologias. A troca de conhecimento em português fortalece a cooperação acadêmica, amplia a mão de obra bilíngue e une instituições em torno de projetos internacionais. Essa rede alimenta a inovação, consolida o valor da língua e beneficia toda a comunidade lusófona.

O triunfo de Fernanda Torres no Globo de Ouro espelha também o vigor de um idioma que não se define apenas pelo número de falantes, mas pela capacidade de encantar e negociar espaços. Ao atuar em português e triunfar em um prêmio de renome mundial, Fernanda personificou a potência cultural e econômica que carregamos na ponta da língua de José Saramago, ou não fôssemos todos “feitos de histórias”, como falava Saramago.

A noite bela de Fernanda representa algo maior: um idioma que avança nos grandes palcos do mundo, abrindo portas em setores diversos e semeando oportunidades de desenvolvimento. Talvez, até agora já possa ser, como desejam os políticos de Portugal e do Brasil, língua oficial das Nações Unidas.

Foi a língua que subiu ao palco — e nela se encontram a criatividade, a força econômica, o orgulho e os sonhos de todos os que a falam. Obrigado, Fernanda.